

A watercolor illustration in shades of grey and brown. On the left side, there is a large, leafy tree with a thick trunk. The ground is depicted with horizontal washes of color, suggesting a field or a path. The overall style is soft and artistic.

FRANCISCO  
PAIVA DE CARVALHO

# Acácia dos meus quintais

*& outros contos mais*

EDITORA PENALUX  
Guaratinguetá, 2020

## ACÁCIA

Já fazia quase trinta anos que o jovem Arthur Riviere e sua esposa, Giselle, haviam chegado ao Brasil, na cidade gaúcha de Uruguaiana, depois de cruzarem vários países, foragidos da Segunda Grande Guerra Mundial. Eram franceses, e tinham perdido quase todos os parentes durante um massacre alemão ocorrido no vilarejo de Oradour-sur-Glane, próximo a Limoges, cidade onde moravam.

Lá, viviam felizes como proprietários de uma pequena fábrica de brinquedos, até que resolveram fechá-la, por temerem uma invasão nazista que, a cada dia, parecia mais iminente. Decidiram que não valeria a pena continuar e colocar suas vidas em risco. Antes de prepararem a fuga, tentaram, de todas as formas, convencer seus pais e irmãos a acompanhá-los. De nada valeram seus esforços. Sem alternativa, mesmo contrariados, eles tiveram que partir sozinhos em busca de uma paz que já não era mais possível, vivendo ali.

Deixaram para trás seus parentes, seus lugares, seus sonhos e sua história. Deixaram também o lindo pé de acácia do quintal da frente, na praça ao lado onde Giselle morava, quando solteira, que tantas vezes os acolheu, sob sua sombra, nas saudosas tardes de domingo.

Ao chegarem a Uruguaiana, a maior dificuldade que encontraram foi o novo idioma, porque nenhum deles falava português. Havia também a questão do dinheiro, que não era mui-

to. Como foram obrigados a sair da França, às pressas, nem tiveram tempo para vender seus pertences por um preço justo.

Mas a generosa acolhida dos vizinhos e, mesmo, das pessoas não tão próximas acabou sendo um verdadeiro bálsamo nesse período cheio de ansiedade e incertezas.

Apesar dos contratempos e da angústia pela morte dos familiares, a vontade de reconstruir uma vida de paz e prosperidade no Brasil era o que lhes dava ânimo para seguirem lutando, com muita coragem e determinação.

Eles já estavam juntos há mais de seis anos e ainda não possuíam filhos. Era um sonho que vinham acalentando desde quando se casaram. Nem os tratamentos feitos, sem sucesso, foram capazes de tirar-lhes a esperança. Até porque, o último médico que procuraram, ainda em Limoges, foi categórico ao afirmar que ambos eram saudáveis e que aquilo, na certa, não passava de algum problema psicológico. Por isso, nunca deixavam de sonhar.

A única coisa que Arthur sabia fazer, com maestria, era brinquedos. Assim, com a escassez de dinheiro, ele preferiu abrir uma oficina de brinquedos nos fundos de sua casa.

No início, foi bem complicado. É que os moradores de Uruguaiana não tinham o costume de reformar brinquedos. Quando já não serviam mais para seus filhos, quase sempre, eram jogados fora ou doados a alguma criança pobre.

Mas com o tempo, o pessoal foi se acostumando à nova ideia, e a oficina acabou criando fama não só na cidade, como também em toda a redondeza.

Giselle não media esforços em ajudar o marido e, muitas vezes, ficava trabalhando até mais tarde, para que todos os compromissos fossem cumpridos dentro do prazo.

Quando sentiu que a condição financeira já permitia, o Sr. Arthur resolveu ampliar a oficina e reabrir sua pequena fábrica de brinquedos. Para isso, comprou um terreno próximo de sua

casa e construiu um galpão para as novas instalações. A fábrica levaria o nome de sua esposa. Foi uma forma que encontrou para homenagear aquela que nunca o abandonara, ao longo de todos esses anos.

Com a dedicação e simpatia que sempre tiveram, em pouco tempo, conseguiram uma clientela muito boa, que crescia a passos largos, à medida que o tempo passava.

Depois de cinco anos, desde que ali chegaram, as coisas estavam bem melhores do que podiam imaginar. Com certeza, todos os sacrifícios tinham valido a pena.

A fábrica de brinquedos possuía cinco empregados e uma camionete baú, que auxiliava na entrega e compra de produtos. Nesses poucos anos, eles conseguiram progredir bem mais do que durante todo o tempo em que viveram na França.

Em certa tarde chuvosa, minutos antes de deixar o serviço, o Sr. Riviere ficou surpreso ao ver Giselle adentrando o escritório da fábrica. Ela estava esplêndida como os raios da manhã, e seu rosto estampava a emoção de uma paz indescritível. Mesmo sem sorrir, seus lábios traduziam alguma coisa parecida vinda dos céus.

Levou um tempo até que conseguisse conter-se para, finalmente, revelar ao esposo o motivo de toda aquela felicidade:

— Arthur, Arthur, Deus ouviu nossas preces! Estamos esperando um filho. O nosso sonho de tantos anos, agora, vai se tornar realidade. Não falei nada, antes, porque eu precisava ter certeza do que estava acontecendo.

Emocionado e sem saber o que dizer, ele a abraçou com muita ternura. A alegria invadiu seu coração de maneira tal que foi impossível evitar as lágrimas. Era tudo o que queriam; os longos anos de espera haviam chegado ao fim. De agora em diante, a vida nunca mais seria a mesma. Menino ou menina não faria nenhuma diferença; só pediam a Deus que viesse com saúde e que fosse muito feliz.

Depois de ajeitar as coisas e trancar as gavetas, ambos voltaram para casa, cheios de planos, já começando a pensar no que precisava ser feito para que não faltasse nada, quando chegasse o grande momento.

Os meses foram passando lentamente e, a cada dia, a expectativa aumentava sempre mais. Muito antes da data prevista pelo médico, tudo já estava preparado. Como a família iria aumentar, o Sr. Arthur trocou sua antiga casa por outra, que ficava em um bairro próximo ao centro da cidade. Era uma casa bem maior, com um enorme quintal, onde havia espaço de sobra para brincadeiras, correrias e muitas festas.

Na última consulta do pré-natal, eles ficaram sabendo que o feto estava em uma posição inadequada e que, por isso, ao que tudo indicava, o parto não poderia ser normal. Ficou decidido que, não havendo nenhum imprevisto, a operação cesariana seria realizada dali a duas semanas.

Quando chegou o dia marcado, eles acordaram ainda de madrugada e, antes mesmo de o sol despontar no horizonte, saíram em direção ao hospital. A ansiedade era tanta que, durante o trajeto, quase não se falaram. Giselle estava muito confiante, mas, no fundo, sentia um pouco de medo. Além de ser a primeira gravidez, ela já estava com bem mais de trinta anos. Sorte que podia contar sempre com o cuidado e o apoio incondicional de seu esposo. Caso contrário, com certeza, esses momentos teriam sido bem mais difíceis.

A cirurgia durou pouco mais de uma hora; o que, para o Sr. Arthur pareceu uma eternidade. O corredor do hospital era pequeno demais para o tamanho de sua inquietude.

Quando a enfermeira apareceu com uma criancinha nos braços, sorrindo e dizendo que ele era pai de um lindo garotinho, o seu coração pulsou mais forte ainda. Depois de respirar fundo, ele o beijou, com todo cuidado, aconchegando-o nos braços, com muito amor.

Em seguida, o obstetra veio ao seu encontro e explicou-lhe que a cirurgia tinha sido bastante delicada e que não achava aconselhável uma nova gravidez, porque o risco de aderências pélvicas, de consequências imprevisíveis, seria enorme. Disse-lhe que sua esposa também já sabia de tudo, e que estava bastante tranquila.

Nada disso foi motivo de qualquer tristeza ou aborrecimento. O importante era que tudo estava bem e que, logo, poderiam voltar para casa e dar início à etapa mais sublime de suas vidas.

Levou ainda alguns minutos até que o liberassem para rever sua mulher. Apesar da sonolência, Giselle estava radiante de alegria. E foi impossível segurar a emoção. Com os olhos cheios de lágrimas, se abraçaram e, do fundo do coração, agradeceram a Deus por aquele bem tão precioso que tinham acabado de receber.

Logo no começo da gravidez, haviam decidido que, se fosse homem, o pequeno herdeiro iria se chamar *Frédéric*, em homenagem ao seu avô paterno.

A vida da família Riviere nunca mais foi a mesma. O Sr. Arthur mal conseguia trabalhar direito. O correr dos dias só fazia aumentar o amor e a cumplicidade entre eles. O tempo precisava ser mais preguiçoso para que pudessem aproveitar toda a felicidade que renascia, a cada momento, em seus corações.

Certa tarde, quando regressava do trabalho, ele viu um caminhão estacionado perto de uma praça, repleto de mudas de acácia. Como sabia que aquela era a árvore que sua esposa mais gostava, não pensou duas vezes; foi até lá, comprou a que achou mais bonita e, em segredo, plantou-a bem no fundo do quintal de sua casa.

No dia seguinte, ao ver a grande surpresa que o marido havia lhe preparado, Giselle sentiu-se a mulher mais feliz da face da terra. Agora, tinha em sua própria casa a árvore que sempre fora sua fonte de inspiração. E todos os dias, iria aguçá-la com

muito zelo, porque sabia que ali estava o símbolo vivo do amor que existia entre eles.

Com o passar do tempo, aos poucos, o pequeno Fred ia ficando mais esperto e independente. Isso era muito bom porque sempre acabava sobrando alguns minutos para caminharem pelos quarteirões do bairro durante as manhãs ou sob o crepúsculo das belas tardes gaúchas.

Tratado com tanto esmero e tanto carinho, o frágil pé de acácia já estava bastante crescido. Junto ao seu tronco, o Sr. Arthur construiu um confortável banco de madeira que passou a ser o cantinho preferido da família. Um lugar de muita paz, onde as energias eram recarregadas e as lembranças de Limoges se tornavam ainda mais presentes.

Muitas vezes, o sentimento de nostalgia acabava falando mais alto. Num domingo, à tardinha, enquanto aguardavam o sol se por, Giselle achou que seu esposo estava um pouco abatido e, preocupada, quis saber o motivo.

— Não é nada, não, querida. É que, de repente, lembrei-me do texto de um poeta desconhecido que diz “que é sorrindo e brincando no chão que o homem encontra a sua terra”. Pensando bem, é isso mesmo...

E sentindo que ela parecia meio em dúvida, concluiu:

— A gente passa quase toda a vida lutando em busca de um lugar ao sol. Muitos, como nós, conseguem encontrá-lo. Mas é tudo tão estranho... Fica sempre a sensação de que está faltando alguma coisa. Nós, por exemplo, o que mais precisamos pedir a Deus? Ah!... Como sinto saudade dos nossos pais e irmãos, da nossa terra natal e de tantos amigos que lá ficaram!... Nessa vida, somente experimentamos um pouco a felicidade plena quando, ainda crianças, sorrimos e brincamos no chão, com a certeza de que não existe outro mundo a não ser o daquele eterno momento, onde as dores são esquecidas e as alegrias parecem não ter fim...





---

EDITOR A

[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

A U T O R

[chicogente@gmail.com](mailto:chicogente@gmail.com)  
[@chicogente](#)  
[facebook.com/franciscopaivadecarvalho.carvalho.5](https://www.facebook.com/franciscopaivadecarvalho.carvalho.5)

---

• *Livros iluminam* •

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em abril de 2020.

---